



INVASORES OU INVADIDOS? UM OLHAR SOBRE A CRIAÇÃO DE FRONTEIRAS EM GOIÂNIA - GO

Lídia Milhomem Pereira

Instituto Federal de Goiás

Fernando Luiz Sobrinho

Universidade de Brasília

RESUMO

Os sujeitos e grupos sociais constroem, re-constroem, criam territórios, desterritorializam-se, reterritorializam-se, são fronteiras, fazem fronteiras, além das representações da realidade, que se tornam a realidade. Investigar as dinâmicas relações de poder, as práticas políticas e sócio - culturais tornam-se alvo deste estudo, inferindo nas produções da compreensão do espaço geográfico. De uma cidade que representaria a mudança na “argamassa da ordem”, Goiânia se transformou em referência do centro oeste. Com uma população na região metropolitana de quase dois milhões, segundo censo IBGE/2010, é uma cidade que não para de crescer, engendrado a sua própria história e intensificado com a construção de Brasília, a capital goiana se transformou em um receptáculo de migrantes, em busca de um novo eldorado, o Centro – Oeste. Para caminhar em direção à compreensão dos sujeitos nas territorialidades desta região, também é fundamental entender estes novos processos de territorialização e de construção de significados. Nesse sentido como perceber os invasores e os invadidos na região do setor Negrão de Lima? Quais as políticas utilizadas para desapropriação e reordenamento territorial nesta região? Quem são os moradores destes territórios vizinhos e onde é a fronteira? Esclarecimentos, discussões e análises sobre essa temática, que o presente artigo abordará. Constituíram como fontes citadas nesta temática os seguintes autores: Arrais, Bresciani, Chartier, Certeau, Costa, Chaveiro, Harvey, Haesbaert, Jacobs, Lefebvre, Santos, Silva, Oliveira, Pesavento, Simmel, Tuan, dentre outros citados na bibliografia. Pesquisas bibliográficas sobre os assuntos propostos, visitas de campo e registros contribuíram para a consolidação da pesquisa que foi fruto de um projeto de Pesquisa via IFG/CNPq.

Palavras-chave: território; negrão de lima; segregação espacial; planejamento.

ABSTRACT

The subjects and social groups construct, re-construct, create territories, deterritorialize up, is reterritorialize are boundaries, do boundaries, and the representations of the fact that become reality. Investigate the dynamic power relations, political practices and socio - cultural aim of this study become, inferring the productions of understanding of geographical space. A city that represent the change in the "mortar order", Goiânia became reference Midwest. With a population in the metropolitan area of almost two million, according to IBGE census 2010 is a city that continues to grow, engendered its own history and intensified with the construction of Brasília, the capital of Goiás became a receptacle of migrants in search for a new Eldorado Center - West . Accordingly perceive as invaders in the invaded sector Negrão Lima region? What are the policies used for expropriation and territorial reorganization in this region? Who are the residents of these neighboring territories and where is the boundary? Clarifications, discussions and analysis on this topic, which this article will address. Constituted as cited authors in this issue the following sources: Arrais, Bresciani, Chartier, Certeau, Harvey, Haesbaert, Jacobs, Lefebvre, Santos, Silva, Oliveira, Pesavento, Simmel, Tuan and others cited in the bibliography . The proposed envelopes bibliographical research subjects, field visits and records contributed to the consolidation of the research was the result of a research project via IFG / CNPq .

Key-words: Territory, Negrão de Lima, segregation, planning.

INTRODUÇÃO

O processo de formação da urbes, de modernização das cidades, de expansão das metrópoles, inchaço, atração e repulsão de áreas, lugares com relação de emprego, lazer, pessoas, tornam-se parte deste estudo. Este artigo é fruto de um projeto de pesquisa, cujo foco foi na criação de territorialidades opostas. O projeto investigou um modelo presente de fronteira urbana e humana, na qual sujeitos e grupos sociais acabam sendo eles mesmos a fronteira, a separação, o limite.

A presente obra tem por temática um olhar para os moradores do setor de Negrão Lima em Goiânia, Goiás, bem como a vivência desses moradores frente à visão de expansão territorial. Compreender essa realidade, que é pertinente à Geografia - História Urbana vai ao encontro do que foi proposto no projeto de pesquisa intitulado "Territórios de Exclusão em Goiânia: A criação de territorialidades opostas" e com o reconhecimento do CNPq/IFG.

Com a mobilidade ascendente que o setor vive nos últimos anos, devido à crescente demanda imobiliária causada pelo crescimento econômico do Brasil no período de 2002 a 2012 e também ao grande avanço das classes sociais emergentes. Com esta dependência econômica criam-se novos bairros e constantemente traz-se o contexto de territorialização e desterritorialização.

Também em outros setores da capital, ao qual o Negrão de Lima está inserido, como exemplo, o setor limítrofe denominado Vila Viana o resultado é uma forte mobilização nos bairros, o que ocasionam em territórios de exclusão na cidade. Com base neste momento de grande expansão de capitais e da sociedade, através de maciços investimentos financeiros e arrojadas políticas públicas, este trabalho visa analisar os reflexos provocados pelas metamorfoses do espaço habitado. Estas mudanças, implicadas por este momento ímpar de nossa história, tendo como norte o Setor Negrão de Lima, bairro localizado na região central de Goiânia, que tem experimentado uma intensa transformação em seu espaço e também territorialidades.

A metodologia consistiu na abordagem qualitativa. Entrevistas foram aplicadas com diversos moradores. Principalmente os remanescentes do processo de desapropriação das casas antigas no setor Negrão de Lima para a construção de um condomínio fechado, no mesmo lugar. Também a observação dos recursos materiais e imateriais existentes no meio ambiente, nos espaços e nas paisagens.

Tentar entender, explicitar, indagar e verificar como funcionam as interações entre os seres humanos e o meio ambiente é uma forma de criar e recriar, também, as paisagens construídas por estes seres. Os seres humanos podem fazer inúmeras escolhas e estas devem ser feitas objetivando a utilização dos diferentes espaços e paisagens para garantir a sobrevivência de grupos de um determinado lugar.

A metodologia teve uma abordagem qualitativa valorizando a análise dos conteúdos. Segundo Teixeira (2001), a pesquisa qualitativa tem as seguintes características: o social é visto como um mundo de significados passíveis de investigação. A linguagem dos atores sociais e suas práticas são as matérias - primas dessa abordagem. Os significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, expressos pela linguagem comum, são abordados pela pesquisa qualitativa.

A pesquisa foi baseada no estudo exploratório sobre a criação de territórios de exclusão na cidade de Goiânia, no caso as invasões, comparando com as contradições dos condomínios fechados. Mais especificamente, as casas inicialmente territorializadas por invasões, e com o passar dos anos, crescimento das cidades e valorização dos terrenos, interesses distintos no local, para a construção de condomínios de luxo, as casas e os moradores do lugar foram desterritorializados.

Pesquisas bibliográficas sobre os assuntos propostos, visitas de campo nas localidades elegidas, pesquisas na prefeitura, busca por fotografias, realização de entrevistas contribuíram para a consolidação da pesquisa.

Objetivos variados foram alvos, como análises de áreas de invasões e condomínios fechados em Goiânia, elegendo duas localidades (uma de cada grupo); observação da influência do crescimento desordenado junto às políticas

de planejamento e gestão; estudo das categorias de análise como território, reterritorialização, desterritorialização dentre outras; comparação das diferenças e semelhanças entre os territórios e territorialidades; pesquisas acerca da historicidade, aspectos culturais e os sentimentos de pertencimento dos moradores nos locais elegidos.

ACLARANDO TERRITÓRIOS

Goiânia apresenta uma série de disparidades, elementos ímpares e ao mesmo tempo plurais ao longo de uma trajetória marcada pela urbanização e pelo crescimento. O espaço é constituído por um conjunto de objetos, ações e sujeitos que constroem e re-constroem sua história, conforme o tempo e seus principais atores. Compreender os fatos através da investigação e pesquisa faz parte da realidade acadêmica tornando-se vital e relevante no processo de crescimento intelectual e profissional dos indivíduos envolvidos.

Para Burke (2005), a redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas ocorreu na ascensão da História Cultural, por intermédio de uma 'virada cultural'.

Já a Geografia Cultural tem suas origens na Europa do final do século XIX e início do século XX juntamente com a sistematização da geografia como ciência acadêmica no debate sobre sua identidade, ou seja, sobre o que era inerente a ela como ciência. A esse período de suas origens relaciona-se também, o debate entre o positivismo e o historicismo que influenciou de forma significativa em sua sistematização. O interesse pelo aspecto cultural na geografia começou a vir à tona a partir da constatação da diversidade que a ação do homem produzia na superfície da Terra que diferenciava os espaços em função do caráter efetivamente cultural, ou seja, a partir dos artefatos, das técnicas e do modo de vida. (SILVA;OLIVEIRA,2010)

Nestas também há análises econômicas, políticas e sociais que se aproximavam de termos e diagnósticos culturais. E, no limite, reavaliavam antigas questões sob novas designações, como "cultura da pobreza", "cultura do medo", "cultura das armas" etc. De fato, "cada vez mais as questões culturais são apresentadas como explicação para mudanças no mundo político, como revoluções, formação dos "Estados", o mesmo acontecendo nas análises de crises econômicas ou sociais. Ainda para este autor, "de trinta anos para cá, ocorreu um deslocamento gradual no uso do termo pelos historiadores. Antes empregado para se referir à alta cultura, ele agora inclui também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modos de vida.

Até 1940 a geografia cultural se mantinha em ascensão, porém nas décadas que se seguiram, 1950, 1960 e 1970, houve um esfriamento no interesse por esse seguimento geográfico, dado que não se considerava o aspecto subjetivo da cultura e, juntamente com isto, as mudanças que estavam ocorrendo no cenário

mundial faziam com que as linhas de estudos até então vigentes, não fossem correspondentes com a realidade.

Assim, pensava-se que a geografia cultural estava fadada ao desaparecimento, mas no final da década de 1970 e durante a seguinte, a geografia cultural passa por um processo de renovação a partir da crítica à Escola de Berkeley, mas também, à geografia vidaliana. Esta renovação se faz em um contexto denominado de “virada cultural” onde houve uma grande valorização da cultura. Conforme destaca Corrêa (1999, p. 51):

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo. A renovação da geografia cultural recebeu influência tanto das antigas bases da geografia cultural de Sauer e da herança vidaliana, quanto das ciências neste momento em destaque como o materialismo histórico e a filosofia dos significados. Porém, o ponto mais relevante para sua renovação foi colocar o homem no centro de suas análises.

Nesta perspectiva renovada da geografia cultural, a cultura é liberada da visão supra-orgânica e passa a ser “vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.” (CORRÊA, 2003, p. 13).

Porém, a cultura ainda é considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores que é criada no seio das relações sociais.

Nesta nova concepção da cultura passa-se a dar lugar à sua dimensão subjetiva, mas não se negligencia seu aspecto material, a diferença é que, agora, os dois aspectos passam a ser analisados em termos de seus significados e como parte integrante da espacialidade humana. Assim, os conceitos básicos da geografia – lugar, território, paisagem, espaço, territorialidade – passam a ser estudados a partir das redes simbólicas que envolvem a sua construção cultural. Neste contexto, surgem novas temáticas tais como: manifestações culturais, identidade espacial, percepção ambiental, representações sociais, estudo das religiões, entre outras. (SILVA; OLIVEIRA, 2010).

Este trabalho busca trazer contribuições para os estudos sobre segregação espacial em Goiânia. Também, compreender a gestão e a criação de territórios de exclusão, evidenciando o enfoque dos espaços simbólicos nos relacionamentos e processos organizacionais que advêm de uma construção sócio – histórica - geográfica.

O território é multidimensional e apresenta dentro da mesma categoria outras subcategorias essenciais no processo de formação, compreensão e interferências nos indivíduos. A relação desses grupos minorias e inclusão vão ao encontro do que Haesbaert (2004) denominou de território. Para Haesbaert, na descrição deste conceito há diferentes enfoques, elaborando uma classificação em que se verificam três vertentes básicas:

- 1) Jurídico - Política, segundo a qual “é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal”;
- 2) Cultural (ista), que “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço”;
- 3) Econômica, “que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho”. (HAESBAERT, 2004, p.67).

Portanto, o autor se concentra em compreender as implicações para os grupos, e o nosso enfoque se direciona para existência e, a partir dela, podermos pensar nas relações de poder, subordinação e a criação de invasões versus outros territórios elitizados. Neste estudo houve não só a observação, mas também a melhor compreensão das realidades opostas, contraditórias diante de indicadores socioeconômicos como concentração de renda, especulação imobiliária e os jogos de interesses nos territórios.

O território enche o espaço com conteúdos particulares, relacionados a construções históricas entre pessoas, organizações e Estado. A territorialidade, segundo Corrêa (1996), refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas, que garantiriam uma apropriação e uma permanência em um dado espaço por determinados grupos sociais, organizacionais. O território agora pode ser visto não somente pela perspectiva do domínio físico, mas também de uma apropriação que incorpora a dimensão simbólica e, pode-se dizer identitária, afetiva. Em um sentido contrário, o movimento denominado “desterritorialização” viria para esvaziar o território (e os espaços ocupados) de seu conteúdo relacional e particular, que promoveria uma identificação entre os indivíduos e as organizações. Assim, a “desterritorialização” pode ser vista como uma estratégia dos grupos dominantes para conter, restringir e até excluir pessoas, isto é, como um movimento de (re) apropriação do território, dos espaços físicos e simbólicos (Guattari, 1993).

Lago (1998), apud Amaral (2000, p.13), com base num conjunto de estudos sobre Nova York, destaca a grande diversidade sócio - ocupacional presente na cidade, mas observa que a polarização ganha forma no contraste existente entre a capacidade de organização – coesão social – dos altos executivos e a fragmentação dos grupos sociais restantes, em função de etnia, gênero e ocupação. Como consequência, temos uma elite que atua em conjunto com o poder público local nos grandes projetos de reestruturação urbana na área

central, aprofundando a segregação espacial vigente. Podemos dizer que, a partir da perspectiva espacial, a metrópole moderna é ao mesmo tempo “crescentemente dual e crescentemente plural”, (AMARAL, 2000, p.6)

Ainda para este autor, a introdução da dimensão política na análise da estrutura sócio-espacial feita por Amaral (2006, p.8) relativiza, assim, o papel da reestruturação produtiva como fator determinante das mudanças sociais em curso. Desta maneira resgatando o debate nas alterações das funções do Estado (redução do Estado do Bem-Estar). Fundamentalmente, a redução do poder de organização da classe trabalhadora (enfraquecimento dos sindicatos), como condições para que o novo regime de acumulação possa se impor.

A outra vertente de análise sobre os efeitos sócio-espaciais da reestruturação econômica centra-se na emergência da chamada nova pobreza urbana. No campo das Ciências Sociais, autores como GOTTDIENER, LAGO, LIPIETZ e CHAVEZ seguiram esta vertente. A pobreza, que no período fordista era vista como resíduo do passado, volta a ocupar um lugar central nas ciências sociais e nos estudos urbanos. A nova pobreza, por sua vez, guarda estreita relação com a tese da dualização social, na medida em que esse novo segmento se constitui numa das pontas das sociedades crescentemente polarizadas e marcadas não apenas pela desigualdade, mas pela exclusão de parte de seus membros do mundo do trabalho e das redes de sociabilidade vigentes.

A noção de exclusão social ou nova pobreza está relacionada à reestruturação produtiva e à consequente retração dos empregos, que teriam instituído uma nova divisão social do trabalho, marcada pelos inseridos e pelos não inseridos no sistema produtivo hegemônico. A nova pobreza relaciona-se também com o enfraquecimento do poder organizativo dos trabalhadores, a crescente mobilidade espacial de leis e a crise das instituições públicas, que teriam criado as condições para a ruptura das redes de sociabilidade.

Quanto à dimensão geográfica, a concentração de pobres num determinado espaço geográfico é um dos fatores impeditivos de saída da condição de pobreza e de exclusão. Nesse sentido, o confinamento espacial reproduz o isolamento social, perpetuando o círculo vicioso da pobreza.

Nessa formulação, há um resgate dos princípios ecológicos da segregação social urbana, mesmo que fatores estruturais estejam no centro da explicação da emergência da subclasse urbana. Por fim, convém chamar a atenção para a dimensão temporal presente na conceituação da nova pobreza urbana. A especificidade da nova pobreza na sociedade pós-fordista é marcada pelo seu caráter irreversível e crônico; é a ausência de expectativas de inserção ou ascensão social que marcam a dinâmica social e urbana no modelo econômico anterior.

Outra perspectiva analítica tem abordado a relação entre reestruturação econômica e mudanças espaciais, privilegiando o papel do capital imobiliário no atual quadro de supremacia do setor financeiro. A emergência de um novo padrão de segregação urbana é analisada não mais sob a perspectiva das

transformações na estrutura sócio-ocupacional, e sim a partir da lógica de atuação da atividade de construção civil e mercantilização. Neste sentido vê-se a necessidade e relevância de estudos com essa temática, diante da diversidade de implicações na produção e reprodução do espaço geográfico.

NEGRÃO DE LIMA: UM ESPAÇO DE VÁRIOS TERRITÓRIOS

O momento de expansão econômica vivenciado pelo Brasil nos últimos anos tem provocado, dentre outras, grandes transformações na infraestrutura e no âmbito social em todo o país. A construção civil se mantém aquecida e o governo investe em políticas de infraestrutura e habitação. Como exemplo disso, podemos citar um crescimento demasiado da verticalização centrifugada das metrópoles. Este estudo tem como objetivo principal discutir os aspectos positivos e negativos do momento atual vivenciado na cidade de Goiânia, especificamente no Setor Negrão de Lima. Espaço no qual coexistem, cada vez menos, as antigas invasões, outrora predominantes, e agora os condomínios verticais, cada vez mais presentes.

As invasões e os condomínios verticais são representantes fidedignos da vida urbana brasileira: dinâmica e caótica. Estes dois territórios – que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço (HAESBAERT, 2004, p.87) - estão presentes em praticamente todas as metrópoles, símbolos da grande desigualdade social ainda intensa em nosso país.

Goiânia é uma capital jovem, foi fundada em 24 de outubro de 1933 e planejada inicialmente para 50 mil habitantes. A cidade conta hoje com pouco mais de 1,3 milhões de habitantes, alcançando mais de 2 milhões em sua região metropolitana segundo dados do IBGE/2011. Possui posição de destaque no quesito qualidade de vida entre as capitais brasileiras. No entanto, é considerada a cidade com maior desigualdade social do Brasil e, segundo a ONU, figura entre as vinte mais desiguais do mundo.

O setor Negrão de Lima ilustra esta desigualdade na capital goianiense. Ali se encontra arraigado o legado tradicional de um dos setores antigos da história da cidade. Também, percebe-se o reflexo nos casebres, carentes de estrutura e erguidos à deriva. Contrasta-se com os condomínios verticais, imponentes, e visto por muitos, inclusive moradores, como símbolos do progresso.

Da Estrutura e localização

“O bairro localiza-se na região central de Goiânia e a estrutura viária está sendo preparada para atender a futura demanda. No entanto, as vias arteriais que cruzam e passam próximo ao setor não são tão eficientes e nos horários de pico tudo se complica”.

“A Vila está localizada às margens da antiga estrada de Ferro que cortava Goiânia. Localizado, diretamente, à direita do Negrão de Lima e pela pouca estrutura urbana criada, esse setor já foi a ocupação de uma das favelas de Goiânia: A Favela Trilho. Por esse motivo ainda se configura o estilo de ocupação irregular e altos índices de violência. (<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php>).

No entanto, as invasões nessa região tem se tornado cada vez mais escassas. Pois, a prefeitura de Goiânia, fomentada pelo PMCMV (Programa Minha Casa Minha vida), tem construído residências destinadas aos moradores em condições irregulares com o Estado (as famosas invasões).

“Em 2009, começaram a ser erguidas cinco mil moradias custeadas pelo “Minha Casa, Minha Vida”, programa de incentivo à habitação popular desenvolvido pelo Governo Federal. E o quantitativo pode aumentar ainda mais...”

“Os beneficiários destas etapas foram pessoas provenientes de áreas de risco ou de preservação ambiental, além de famílias que enviaram cartas solicitando ajuda ao prefeito Iris Rezende. Nos últimos três anos, 15 assistentes sociais visitaram mais de 20 mil famílias que escreveram cartas ao prefeito. A análise social aponta que cerca de 70% dessas necessitam de moradia”. (disponível em <http://www.prefeituragoiania.net.br>. Acesso em 20/11/2013).

Atualmente já existem vários residenciais de casas populares construídas e outros ainda em construção. Com o propósito de suprir toda a carência de habitações populares existente na metrópole.

Do programa minha casa minha vida

O Programa Minha Casa, Minha Vida é um plano do governo Federal, em parceria com estados e municípios, criado durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva e assegurado pela LEI Nº 11.977, DE 7 DE JULHO DE 2009. Este plano é parte integrante do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento – e visa promover o desenvolvimento habitacional, concedendo subvenção econômica às famílias beneficiadas pelo financiamento de suas moradias.

O objetivo do programa é produzir unidades habitacionais destinadas a famílias com renda familiar de até R\$ 1.600,00. O PMCMV além de tornar o sonho da casa própria realidade para muitos brasileiros, fomenta o desenvolvimento do País, garantindo empregos em todos os setores da construção civil.

Durante a realização desta pesquisa, várias visitas foram feitas in loco, objetivando conhecer de perto a realidade de quem vive naquele setor. A metodologia adotada foi a aplicação de questionários com moradores das mais diversas faixas etárias e classes sociais.

Os questionários foram constituídos de seis perguntas, e tinham como objetivo proporcionar um maior entendimento sobre a situação dos moradores antes e depois do surgimento dos prédios. Para tanto, questões referentes às melhorias ou aos eventuais danos trazidos pela especulação imobiliária, fizeram-se necessárias, assim como indagações sobre as metamorfoses ocorridas naquele espaço, no decorrer do processo de verticalização centrifugada. No tocante ao remanejamento dos antigos moradores das invasões para as residências construídas pela prefeitura, foram feitas perguntas referentes ao suporte do Estado, enquanto agente social, nessa transição. Conforme Simmel(1939,p.241):

(...) Desde o primeiro olhar, sabemos com quem lidamos, e mesmo que estejamos errados na avaliação ela continua operante. O olhar não é apenas investigativo, é também expressivo. O encontro dos olhos é reciprocidade absoluta: sujeito e objeto em explícita interação.

Durante as entrevistas foram coletadas opiniões sobre as conseqüências trazidas pela verticalização, em que as opiniões dos moradores ficaram preponderantemente divididas. Também entrevistas com moradores das mais diversas faixas etárias e classes sociais.

Dentre as melhorias mencionadas pelos entrevistados, aspectos como o aumento do comércio no setor, a construção de praças, assim como a pavimentação de ruas foram salientados como de fundamental importância.

Conforme um morador há dezoito anos com relação sobre a infraestrutura, expõe: “Antes havia muito lote vago, pessoas extremamente pobres e pouco lazer. Com a vinda dos prédios, houve aumento do comércio e a construção de praças, melhorando o lazer.”

Já quanto aos danos causados pela verticalização, os sintomas como a falta de estrutura, em detrimento do aumento do trânsito de carros e pedestres são apontados. Outro morador há sete anos: “As ruas são estreitas, já não suportam o trânsito ocasionado pelo aumento no fluxo de veículos”.

No entanto, o depoimento mais marcante foi de um senhor que, aos 56 anos de idade, viveu vinte e seis no Negrão de Lima. Com um vocabulário simples, revela um receio ao ser questionado sobre o futuro do bairro:

-“Os ricos crescem o olho né. Quem sabe eles não vão crescer o olho na nossa casa né?”

O depoimento do entrevistado demonstra o temor diante da apropriação dos espaços, da contínua apropriação dos espaços e conseqüentemente das metamorfoses de seus territórios.

CONCLUSÃO

Dentro das pesquisas de campo realizadas junto aos moradores do setor Negrão de Lima, foi abordado o sentimento de topofobia, que é o sentimento de aversão e de desapego ao território, e o de topofilia, que é o sentimento de amor e de apego ao território. Pudemos observar que o sentimento que prevalece é o de topofilia, pois boa parte dos moradores são pessoas que há várias décadas residem no setor. Assim cresceram e suas vidas estão ligadas diretamente ao local.

Tivemos muitas dificuldades em entrevistar os moradores dos condomínios, pois, devido à onda de violência que tem sido notória em toda a cidade, existe um sentimento de medo. Este fato cria aversão a qualquer contato com estranho, mesmo sendo apenas para uma rápida entrevista (em todas as entrevistas fizemos questão de nos identificar com o crachá do IFG).

Também, como parte dos resultados, concluímos que, apesar das várias políticas públicas de desenvolvimento econômico e social, a má distribuição de renda continua a ser o fator determinante na condição social do indivíduo. Este legado histórico influencia na modificação do espaço pelos seres humanos, e conseqüentemente, na origem dos territórios, diretamente associados às relações homem-espaço ali estabelecidas. O trabalho foi gratificante, pois ao conciliarmos e visualizarmos na prática as verticalizações, as ações referentes ao planejamento, gestão, organização, controle, estratégias mercadológicas, ou a ausência delas, tudo se esclarece e encaixa. Diversificadas opiniões, gostos, vivências e principalmente para o mercado imobiliário, tão pertinente neste setor, e em vários outros da capital goianiense.

Portanto, inicialmente aqueles que invadiram o setor Negrão de Lima e fizeram parte do processo de territorialização e desterritorialização, acabaram sendo invadidos pelo capital e forças derivadas do sistema.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ernesto. **Mobilidade sócio-espacial na região metropolitana de Goiânia**: O caso de Senador Canedo. Goiânia, 2000.

CORRÊA, R. L. **Territorialidade e corporação**: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural**: Passado e Futuro – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58. (Série Geografia Cultural).

GOIÂNIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/goiania> . Acesso em junho de 2012.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1993.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “Fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Estruturação urbana e mobilidade espacial: uma análise das desigualdades socioespaciais na metrópole do Rio de Janeiro**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima; SILVA, Gustavo Siqueira. **A importância da abordagem cultural da geografia**: uma perspectiva de aplicação. III Encontro de Geografia-A Geografia e suas vertentes, Reflexões. Instituto Federal Fluminense, 2010. **ArtCultura**., Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 235-239, jul.-dez. 2007.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “Fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 395p.

ROIZ, Diogo da Silva. **A história da História Cultural segundo Peter Burke**. 2005, 190p.

ROLNIK, R; Botler, M. “**Por uma Política de Reabilitação de Centros Urbanos**”

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. **A Construção de Brasília: modernidade e periferia**. Goiânia: Ed. Da UFG, 1997.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Gilberto O. (Org.) O

fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **Sociologia**: estudos sobre as formas de socialização (I,II). Buenos Aires:

Espasa-Calpe, 1939.

SOUZA, Marcelo J.L. “**O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**”

UNITED NATIONS, **State of the World's Cities 2010/2011 Bridging the the Urban Divide**.http://herculano-coisasdobrasil.blogspot.com.br/2010/07/capitais-dos-estados-coisas-do-brasil_22.html (Disponível em:

(<http://www.guiarmvale.com.br/category/noticias/economia-e-financas>). Acesso em 20/11/2013.

Contato com o autor: limilhomem@yahoo.com.br

Recebido em: 08/12/2013

Aprovado em: 11/04/2014